

# Réplica a Antonio Hohlfeldt

AGRADEÇO A ANTONIO HOHLFELDT o comentário atento, cuidadoso e elegante que dedicou a dois de meus livros há pouco publicados (cf. Revista Famecos 20, 2003, pp.98-103). Encontro nele uma habilidade que ainda me falta: a de ser incisivo, sem ser duro; e outra que domino apenas em parte: a de mostrar força, sem provocar ferimento. Pertinente e adequada em si mesma, a reflexão que propõe, de resto, merece elogio em função do contexto em que intervém.

Atualmente, a atividade crítica recomendadora do nome está rarefeita, e no campo dos estudos de mídia já quase não se percebe, se é que houve, ao menos no Brasil. Hohlfeldt vem de uma tradição à qual pretendo me filiar, por mais que isso seja hoje, em meu ver, quixotesco. Isto é, vincula-se àquela tendência intelectual em que elaborar idéias e confrontar pensamentos não só têm importância, mas são vistos como forma de ajudar o homem a entender sua situação epocal e a melhor conduzir sua existência.

No comentário a meus livros que escreveu, não se perde tempo com bobagens; põe-se de lado os discursos tipo homenagem de dia das mães. O encontro de compadres é deixado para a ocasião em que é apropriado (ou seja: de fora). A matéria é focada no que interessa, nos pontos que o autor julga críticos, após breve referência ao contexto. O crítico sabe muito bem, no caso, que não se faz elogio a uma obra reduplicando o que está, em seu ponto de vista, bem escrito, mas questionando - com força, mas sem rancor - o que lhe parece problemático.

Pergunta-se no título do comentário: “Quem hoje ainda acredita na racionalidade moderna ?” Antonio Hohlfeldt, autor do texto, creio, é um deles, se admitirmos kantianamente - referência fundadora do discurso da modernidade - que a crítica é um dos eixos dessa racionalidade e que,

**Francisco Rüdiger\***

Prof. PPGCom - FAMECOS/PUCRS

---

fazendo jus a essa pretensão, não é de outra coisa que - correta e justamente – se trata no texto de Hohnfeldt: fazer crítica!

Pouco importa se alguém crê ou não no racionalismo moderno, assim como pouco importa ao verdadeiro cristão se, hoje em dia, alguém ainda crê em Jesus Cristo. Importa sim que se aja como crítico ou como cristão, e isso, o que é posto em prática, pela fineza e vigor, é o que mais se destaca no belo comentário de Antonio Hohnfeldt.

Desejo nesse sentido menos negar seus juízos ou polemizar com sua leitura, porque não é o caso, do que lhe opor algumas observações com intenção de melhor esclarecer os interessados.

Segundo meu crítico e comentarista, este autor “admite uma crise da cultura mas não chega a discutir que tipo de crise é esta”, remetendo este autor suas causas à “massificação”, que teria como resultado, nas palavras do comentador, a “alienação” na era da indústria cultural (p.99). Posso por certo ter me expressado com pouca clareza, mas não é isso de modo algum o que defendo em “Comunicação e teoria crítica da sociedade”, como é deixado muito claro, aliás, já na contracapa do volume editado pela PUCRS.

A crise da cultura da qual se fala na obra é a crise da cultura burguesa (que no modo de entender da teoria crítica é a única cultura - no sentido forte da palavra - merecedora do conceito). A explicação dessa crise é, por sua vez, posta na conta não da massificação, mas do processo de conversão da cultura em mercadoria em escala sistêmica que teve lugar no século XX.

Coerente com sua leitura, meu interlocutor pretende que não reconheço autonomia e valor específico à cultura popular (p. 100), quando o que procuro deixar claro é que, na ótica da teoria crítica, tanto a cultura burguesa quanto a cultura popular (arte erudita e arte leve) vêm, há quase um século, desintegrando-se no âmbito de um fenômeno qualitativamente

novo, que os frankfurtianos chamaram de indústria cultural.

Neste contexto, revela-se sem sentido falar em arte pós-moderna, se considerarmos que a arte, vista crítica e dialeticamente, é uma expressão humana datada, trata-se, noutros termos, de uma invenção da modernidade. Quando Adorno faz o elogio, mas também a crítica do modernismo estético, está fazendo o elogio desesperançado de uma expressão de resistência ao mundo conforme construído pela indústria cultural no século XX.

Atualmente, prossegue historicamente não apenas a oposição (p. 101), como diz meu crítico, mas também, como ênfase, a contradição política e a dependência dialética entre civilização e barbárie no nosso cenário social, e não é porque o racionalismo crítico se reduziu ao instrumental, mudando o sentido histórico da razão moderna, que se pensa, de nossa parte, em poder “resgatar o humanismo” (p.101).

O humanismo só tem como sobreviver hoje consciente de sua fraqueza e irrelevância na era da indústria cultural e da cultura tecnológica; isto é, aporeticamente, na condição de recurso moral e meio do contragolpe analítico e interpretativo de minorias conscientes de que, embora não se possa agora mudar o mundo, se pode pelo menos tentar não ser de todo como o mundo deseja que nos tornemos.

Afirmar que “o processo civilizatório deixa resíduos de barbárie” (p.102) só pode contar com minha adesão; exigir que “as experiências contemporâneas tenham de deixar apenas marcas positivas” (p.102), embora justo do ponto de vista moral, é, creio também, irrealista do ponto de vista histórico concreto.

Porém, daí eu não daria o passo seguinte, que seria aceitar que os acontecimentos vindouros “transformar-se-ão em novos resíduos, tão contraditórios em sua herança quanto os atuais” (p.102), porque, apenas para dar uma razão, entre tantas possíveis, pode ser que não haja

---

futuro. Do ponto de vista lógico, o único aplicável ao futuro, a civilização pode tanto continuar a ser como vem sendo historicamente quanto encontrar a “paz perpétua” ou ser destruída por um evento cosmológico até agora imprevisto.

Destarte, também é por causa dessa historicização crítica e radical das categorias filosóficas e sociológicas que, para a teoria crítica, não convence nem pode se sustentar a idéia de que “a tecnologia em si não possui ideologia”, que meu crítico encontra em Edgar Morin. Para os intérpretes daquela teoria, a tecnologia não existe e não pode ser vista, ao menos criticamente, em si, na abstração de seu contexto humano concreto. Apenas ali, junto a outros fatores, é que existe, funciona e adquire sentidos (sendo um ou mais dominantes), possuindo também, portanto, uma dimensão ideológica constitutiva e que remete à importante questão do fetichismo tecnológico.

Quanto à reserva externada relativamente à falta de alternativas políticas a que minha reflexão conduz (p.100), só posso concordar com meu crítico, assinalando, porém, que esse não é um problema da teoria, mas sim da presente situação histórica. Em Adorno, o socialismo não é mais uma alternativa histórica ao império do capital, porque, ele crê, suas condições históricas de possibilidade desapareceram. O problema da sociedade contemporânea é a falta de alternativas ao sistema capitalista, não por que essas não existam, mas porque faltam os sujeitos políticos capazes de sustentá-las praticamente. A impotência da teoria é mediação da aporia da práxis histórica transformadora.

Passando à análise de meu comentário crítico à obra de Michel Maffesoli, Hohlfeldt nota um acento pessoal que, se há, confesso ser involuntário, até porque ressalvo conhecer, conforme escrevo na introdução do trabalho, o caráter amável e a benevolência individual do pensador francês. Discutiria,

se fosse especialista, a afirmação de que a “República de Weimar permitiu a modernização tecnológica da Alemanha”, mais do que, por exemplo, o II Império ou o III Reich. Contestariam a postulação importantes historiadores alemães, como Hans-Ülrich Wehler.

Gostaria, porém, de notar que, valendo-nos de metáforas, podemos, sim, separar uma radiografia de um diagnóstico (cf. p.101), sempre que esses expedientes não forem utilizados de forma mecânica. A radiografia de uma situação histórica, tanto quanto o diagnóstico que dela podemos extrair, não se conecta de modo analítico em ciências humanas, ao menos porque de uma mesma análise (radiografia), no caso, podem ser tiradas diferentes conclusões (diagnósticos).

Segundo Hohlfeldt, Maffesoli não é defensor de determinados valores, mas o realizador “de um inventário que busca identificar e tentar compreender o que ocorre nos dias de hoje, sem entrar em qualquer juízo de valor”. Concordo integralmente com a afirmativa, mas procuro fazer ver em meu texto que exatamente isso é muito problemático, tanto em sentido moral quanto em sentido epistemológico (cf. *Civilização e Barbárie na crítica da cultura contemporânea: Leitura de Michel Maffesoli*, p.97-112).

Concordo também que a sociedade, contemporânea ou não, precisa ser entendida não apenas em suas condutas racionais, mas também nos elementos não-rationais que lhe são presentes, como já era muito claro para Max Weber. A racionalidade só é tal coisa em confronto com algum contrário. O problema todo é como ajuizar esses elementos e suas relações. À reflexão não cabe propor solução para os problemas, mas, quando não os revelar, pelo menos esclarecer seu sentido e implicações. A solução para certos problemas, vendo bem, muitas vezes não está ao alcance dos sujeitos neles implicados. Noutras vezes, ela não existe do ponto de vista reflexivo. Isso é algo que,

---

todavia, pode ser um ganho em termos de maturidade intelectual e guia para um redimensionamento de nossa relação com a atualidade.

Honra-me muito ser contado entre aqueles interessados na sobrevivência do humanismo por Antonio Hohlfeldt. Convém notar de minha parte, porém, que isso só é viável hoje se for agenciado negativamente. O humanismo é um processo histórico real que esgotou suas forças. A constatação não exige, porém, que endosseemos por completo, mais do que o necessário para sobreviver com dignidade, aquelas forças hoje imperantes. Quem pode e, em alguma medida, propõe-se a contestar algo, a questionar a situação, a pensar de outro modo, se conserva a lembrança daquilo que o homem fez em favor de sua grandeza moral, intelectual e espiritual, e se não abdica de lançar crítica ao que o rebaixa, explora e, no limite, o anula como sujeito ético, político e criador, é hoje um humanista crítico entre os quais, creio por certo, alista-se como interlocutor Antonio Hohlfeldt .